



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI  
NEAD – NÚCLEO DE ENSINO A DISTÂNCIA  
CURSO DE MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

Maikel Roberto Farias

O CINEMA EM SALA DE AULA: PRÁTICAS E METODOLOGIAS NAS AULAS DE  
HISTÓRIA

São João del-Rei

2019

Maikel Roberto Farias

O cinema em sala de aula: Práticas e metodologias nas aulas de História

Trabalho de conclusão do curso de Especialização em Mídias na Educação da Universidade Federal de São João del-Rei, apresentado como requisito para obtenção do título de Especialização em Mídias na Educação, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr Silvia Elena Ventrini

São João del-Rei

2019

Maikel Roberto Farias

O cinema em sala de aula: Práticas e metodologias nas aulas de História

Trabalho de conclusão do curso de Especialização em Mídias na Educação da Universidade Federal de São João del-Rei, apresentado como requisito para obtenção do título de Especialização em Mídias na Educação, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup>. Dr Silvia Elena Ventorini

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr. Silvia Elena Ventorini (orientadora) - UFSJ

---

Prof. Me. Denilson Alves de Araújo - UFSJ

Dedico este trabalho a Universidade Federal de São João del-Rei por manter cursos de formação continuada para professores.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por me proporcionar todas as condições de desenvolver este trabalho.

A minha esposa Gislene Chagas, que sempre incentiva os meus projetos.

Ao meu filho Theo Henrique, que é a minha grande inspiração.

Aos meus alunos que passaram e ainda passarão pela minha vida.

Aos professores, tutores e toda a equipe do Curso Mídias na Educação, que sempre me ajudaram e colaboraram para elaboração deste trabalho.

A professora orientadora Silvia Elena Ventorini que com suas observações me guiou para a conclusão deste projeto.

## RESUMO

Este tema surgiu diante de uma prática comum em nossas escolas que é a exibição de filmes para os alunos por parte de professores para contribuir no processo de ensino aprendizagem. Diante desta prática é relevante compreender esta relação entre cinema e educação e a necessidade de ter subsídios para desenvolver projetos com filmes em sala de aula para não incorrer em erros ou desperdiçar uma grande oportunidade com esta ferramenta. Para o desenvolvimento deste projeto foram estudados autores que se dedicaram em compreender as especificidades e principais características da sétima arte e as suas possibilidades enquanto ferramenta pedagógica, a trajetória e a evolução do cinema até se tornar uma grande indústria e a maneira como dialoga com seu público. O potencial do filme enquanto documento histórico e recurso didático nas aulas de História também embasaram as discussões deste trabalho. Pesquisadores que se dedicam nos estudos de práticas e metodologias do ensino de História, e, a relevância do filme como documento histórico, também foram objeto de análise. Observaram-se peculiaridades de grande relevância no cinema, às quais é essencial que professores que pretendam utilizar filmes em sua prática docente devem conhecer. As vantagens do cinema na sala de aula e os equívocos que devem ser evitados foram tema de debate nesta pesquisa. O cinema possui uma linguagem, uma característica que envolve o seu público, se apresenta como uma ferramenta de grande valor para ser trabalhado em sala de aula, é um importante documento histórico que possibilita várias interpretações e contribuem para tornar as aulas mais significativas e prazerosas para alunos e professores.

**Palavras-chave:** Cinema. Educação. História.

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>7</b>
<b>Capítulo 1 Características do cinema.....</b>	<b>10</b>
1.1 Cinema: arte e produto.....	10
1.2 Cinema: linguagem e público.....	12
1.3 Cinema: propaganda e doutrinação.....	14
<b>Capítulo 2 Cinema e escola.....</b>	<b>17</b>
2.1 O cinema como documento histórico.....	17
2.2 Estruturas das escolas.....	19
2.3 Planejamento das atividades.....	20
2.4 Cinema e História.....	23
<b>Capítulo 3 Cinema: conteúdos e abordagens históricas.....</b>	<b>26</b>
3.1 Cinema: documento histórico.....	26
3.2 Filmes nacionais e possíveis abordagens.....	28
3.3 Filmes estrangeiros.....	32
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>34</b>
<b>Referências.....</b>	<b>37</b>

## Introdução

Da educação infantil ao ensino superior, professores costumam utilizar em sua prática o uso do cinema, documentários e produções televisivas como ferramenta pedagógica. Procurando valorizar o cinema nacional, o Senador Cristovam Buarque foi o autor da Lei 13.006/2014 que em seu artigo único incorporou a Lei 9639/1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação no art. 26 a obrigatoriedade da exibição de filmes de produção brasileira em escolas de educação básica.

Diante destas circunstâncias comuns em nossas instituições de ensino e da legislação vigente o objetivo desta pesquisa é se aprofundar como se da esta relação entre educação e cinema, tendo como foco as aulas de história do Ensino Fundamental II.

A disciplina de História não é a única, mas com certeza é uma das que mais se beneficia com o cinema. Acontecimentos históricos e grandes personagens da humanidade são frequentemente retratados pela indústria cinematográfica, desde a longínqua era do gelo ao terrorismo contemporâneo são objetos de produções de filmes. Conhecer as lacunas e possibilidades do cinema e sua utilização em sala de aula são o objetivo deste projeto.

Outro fator que contribuiu para o interesse e desenvolvimento deste trabalho é a facilidade com que o cinema chega aos estudantes e, em muitos casos é por meio deste que os alunos adquirem conhecimento sobre fatos históricos, sendo comum durante as aulas de História estudantes fazerem conexões entre filmes e o conteúdo trabalhado por professores.

Sendo um produto comum entre os estudantes, mesmo que não necessariamente em salas de cinema, qual a contribuição que a utilização do cinema em aulas de História pode dar para tornar este momento mais atrativo e significativo para todos os envolvidos? Como filmes podem contribuir para diminuir atos de indisciplina dentro das escolas? Situação que muitas vezes acontece em razão do aluno não conseguir se interessar pelas atividades propostas pelos docentes, assim como não veem sentido naquilo que lhe é ensinado.

Outro aspecto abordado de grande relevância é de que maneira o cinema pode colaborar para a compreensão dos conhecimentos históricos, apreensão de conceitos

fundamentais como permanências e rupturas, como ocorre à construção de valores e ideologias ao longo do tempo e a relação dos fatos ocorridos com a construção da sociedade atual.

Deste modo, o projeto está estruturado em três capítulos que através de uma pesquisa bibliográfica procurará responder as questões abordadas anteriormente. No primeiro capítulo serão apresentadas discussões acerca das características do cinema, das suas especificidades, quais aspectos são essenciais que os professores tenham domínio para trabalhar com esta ferramenta em sala de aula.

O cinema não é produzido para ser uma ferramenta pedagógica, e sim um produto para ser vendido dentro das premissas capitalistas. Napolitano (2015) traz reflexões sobre esta questão e os cuidados que se deve ter para trabalhar em sala de aula com filmes. Fresquet (2013) dialoga com Napolitano referente ao uso do cinema e as suas especificidades dando ênfase na maneira como a sétima arte mexe com as emoções do telespectador, o que leva a experiências significativas no processo de ensino aprendizagem.

No segundo capítulo há reflexões sobre como nossas escolas estão preparadas para trabalhar com cinema na educação, qual é a visão que os alunos e professores têm em relação a esta atividade. Algumas concepções que se perpetuam entre os estudantes serão abordadas, Marcos Napolitano (2018) e Adriana Fresquet (2013) serão novamente discutidos neste capítulo, trazendo considerações referentes à utilização do cinema como método educativo.

Bem como Circe Bittencourt (2009) que traz importantes considerações referentes ao uso do cinema como documento histórico, abordará como foram selecionados os documentos históricos, quais foram privilegiados e quais não foram, e onde se encaixa o cinema enquanto documento histórico, objeto que pode colaborar para a compreensão das narrativas históricas.

O trabalho de Regina Oliveira Soares (2012) que reflete sobre a prática no ensino de História também dedica um capítulo de seu livro sobre o cinema nas aulas de História, assim como Bittencourt (2009) que aborda o aluno espectador, ela traz a possibilidade do aluno ser também um produtor de cinema, tendo como roteiro conteúdos de História.

O terceiro capítulo trará Eduardo Morettin, Marcos Napolitano e Mônica Almeida Kornis (2012) e suas reflexões sobre o uso do cinema especificamente em plano de ensino, plano de aula, citando exemplos e abordagens que devem ser feitas, exemplificando com produções cinematográficas existentes.

Edileuza Penha de Souza (2011) organizou o livro *Negritude, Cinema e Educação* onde traz uma série de filmes e documentários que podem ser explorados para implementar a Lei 10.639/2003, tendo como temática o racismo, exclusão e desigualdades no Brasil e no mundo. Seu trabalho é de grande valia por trazer possibilidades de se trabalhar através das telonas assuntos polêmicos e atuais em nosso país.

Célia Maria Fernandes Nunes (2017) com a colaboração de outros pesquisadores foi objeto de análise deste projeto. Neste livro, os autores se dedicaram em estudar a relação entre professores e cinema em sala de aula, contribuindo assim para complementar as reflexões dos demais autores citados anteriormente.

Este projeto foi produzido através de uma revisão de literatura, não tem como objetivo trazer uma receita pronta para os professores utilizarem em suas práticas, mas sim alguns esclarecimentos e concepções sobre a sétima arte e de possibilidades de se fazer um trabalho com cinema junto aos alunos que atraia os mesmos, rompendo com algumas concepções de que filmes nas nossas escolas tem a função de distração, e não de aprendizagem.

O cinema possibilita através de uma linguagem simples uma compreensão de todos, pois além da fala, conta com recursos audiovisuais como instrumento para atingir o seu público. Não se trata de substituir os livros, a leitura, a escrita pelo filme, ao contrário, para Marcos Napolitano (2015) é necessário um grau de proficiência em leitura e interpretação para que se consiga realizar as compreensões necessárias.

O aluno tem que perceber que ao ser levado para assistir um filme não se trata apenas de um passa tempo, de uma atividade lúdica, por mais que o gênero do filme escolhido tenha essa característica, mas de que o filme se apresenta como uma ferramenta utilizada pelo professor em sua prática pedagógica.

Para que o aluno tenha esta percepção, e a atenção necessária à atividade, o professor deve ter domínio da atividade, conhecer técnicas e possibilidades de

exploração da ferramenta, ter o mínimo de conhecimento referente à produção cinematográfica, ter habilidade para conduzir o debate, fazer a crítica sobre o filme, perceber e orientar as lacunas existentes em uma produção cinematográfica.

Este trabalho se justifica neste sentido, onde procurará trazer através de uma revisão bibliográfica elementos para que professores de História tenham mais ferramentas para aproveitar a magia do cinema em suas salas de aula.

## **Capítulo 1. Características do cinema**

O cinema surgiu ao final do século XIX, durante a Revolução Industrial. “Em dezembro de 1895, dois irmãos franceses Louis e Aguste Lumière projetaram dois pequenos filmes num café parisiense, para assombro de uma plateia encantada” (NPOLITANO, 2012, p. 68) surgia a sétima arte. Esta foi à primeira vez em que as pessoas viram imagens em movimentos.

Uma máquina chamada de cinematografo era a responsável pela transmissão de imagens em movimento, deste momento até o cinema tornar se o sucesso que é hoje levou um tempo, segundo Fresquet (2013), há uma lenda onde diz que os próprios irmãos Lumière não acreditaram no futuro do cinema.

Porém o cinema desenvolveu linguagem e características próprias, especificidades que foram e são usadas para os mais diversos fins, não se limitando apenas a indústria do entretenimento Fresquet (2013). As produções cinematográficas estão inseridas em vários contextos, recebem influências do meio onde é produzida e tem sido utilizado para os mais diversos objetivos, entre os quais o de recurso pedagógico nas escolas.

### **1.1 Cinema: arte e produto**

Cinema é uma arte, uma produção artística coletiva, que necessita de um vasto número de profissionais para elaboração, produtores, diretores, atores, figurinistas, operadores de câmaras, profissionais de sonoplastia, editores de imagens, sons. Caracteriza-se pela transmissão de imagens em movimento. Dentre as suas várias características, próprias do seu surgimento, e outras relacionadas com fatores externos, são influências que o cinema recebe do contexto onde é produzido, da

época em que está inserido, dos interesses daqueles que lhe financiam. Segundo Alencar (2007, p. 17).

O cinema, chamado de “a sétima arte”, é muito recente na história da humanidade e amalgama diversas artes: a pintura, a fotografia, o teatro, a música e a interpretação. É uma arte coletiva porque para a sua realização necessita de inúmeras pessoas como produtores, diretores, roteiristas, atores e atrizes, figurinistas, cenógrafos, continuístas.

Sylvia Elisabeth de Paula Alencar (2007) em sua dissertação de mestrado, *O cinema na sala de aula: aprendizagem dialógica da disciplina História*, na qual estudou a relação entre cinema e educação que ressalta que se trata de uma produção artística recente, com pouco mais de um século de existência e a complexidade que é a sua produção, devido às varias manifestações artísticas presente em seus projetos.

Produções de filmes necessitam de vários profissionais, de técnicos para que projetos cinematográficos saiam do papel e se tornem realidade. Em muitas situações uma mesma pessoa fica responsável por mais de uma função, ainda assim o número de indivíduos que são envolvidos é grande, o que torna esta obra uma produção coletiva.

As produções cinematográficas são um produto comercial, tendo os Estados Unidos como o maior produtor e fornecedor desta mercadoria. Faz parte da indústria do entretenimento, do lazer que tem como objetivo vender e gerar lucros, seguindo as premissas do capitalismo.

Entretanto, este produto possui entre as suas especificidades a capacidade de influenciar comportamentos nas pessoas, não se tratando simplesmente de um produto comercial que é direcionado ao público. Em Nunes (2017, p.28) observamos a seguinte afirmação, “é incontestável a força da imagem e da linguagem visual nas estruturas simbólicas das sociedades contemporâneas, com implicações sobre processos de socialização e de construção pessoal dos indivíduos”.

As produções cinematográficas se realizam “dentro de um projeto artístico, cultural e de mercado – um objeto de cultura para ser consumido dentro da liberdade maior ou menor do mercado”. (NAPOLITANO, 2015, p 11). Assistir a um filme é uma atividade cultural, é prestigiar e se envolver com várias formas de expressões artísticas.

Sendo uma produção artística está inserida dentro de um contexto, de um período histórico e com isto estritamente relacionado com o modo de produção de

uma sociedade. Da sociedade a qual ele faz parte, não sendo imune aos interesses, os valores, conceitos vigentes no local e época em que é produzido. Napolitano (2015, p 14) ressalta: “A peculiaridade do cinema é que, além de fazer parte do complexo de comunicação e da cultura de massa, também faz parte da indústria do lazer e (não nos esqueçamos) constitui ainda obra de arte coletiva e tecnicamente sofisticada”.

Napolitano reafirma as conclusões de Alencar (2007), quanto à coletividade do cinema e, de ser uma produção artística de grande valor, contudo traz outra característica importante do cinema, o fato deste ter se transformado em um meio de comunicação de massa.

O cinema é uma forma de se comunicar, é uma ferramenta que permite informar a um grande número de pessoas devido a forma como se comunica com seus espectadores, além de ter grande relevância para transmissão a um determinado público.

## **1.2 Cinema: linguagem e público**

Há uma complexidade enorme nas produções cinematográficas, elas fazem parte de uma gigantesca rede de entretenimento com faturamentos bastante considerável, constroem ídolos, produções atemporais que fazem seu público viver emoções únicas. Entretanto, todas essas características não tiram ou diminuem uma especificidade, a de ser uma produção artística.

Em seu princípio o cinema apareceu como um documentário, no início dos anos 1900, manifestou-se à magia, afluída tornou-se em um meio de comunicação de massa e passando a mexer, envolver cada vez um público maior, as pessoas passaram a viver as emoções dos personagens retratados nas telonas, Fresquet (2013). A sonorização dos filmes surgiu no ano de 1926, já o primeiro filme colorido foi produzido em 1932. Para Fresquet (2013, p. 19)

O cinema nos oferece uma janela pela qual podemos nos assomar ao mundo para ver o que está lá fora, distante no espaço ou no tempo, para ver o que não conseguimos ver com os nossos próprios olhos direito. Ao mesmo tempo, essa janela vira espelho e nos permite fazer longas viagens para o interior, tão ou mais distantes de nosso conhecimento imediato e possível.

As pessoas se veem, se imaginam entre os personagens que acompanham, passeiam pelos lugares retratados nas produções, aprendem, adquirem conhecimentos, vivem outras experiências culturais, se emocionam e se apaixonam,

também odeiam, tem a impressão de que a própria vida do indivíduo que assiste é que se passa na tela, há um envolvimento com os enredos e personagens. Estas são algumas das magias que afloram no público devido ao fato de o cinema possibilitar uma experiência sentimental com os espectadores. O cinema mexe com o sentimento do seu espectador. Este fato pode ser considerado como um dos grandes méritos desta arte e um dos motivos do seu grande sucesso com o público.

A França foi uma pioneira quando se trata de cinema, foi neste país que se consolidou a vocação do cinema como arte e entretenimento. Segundo Napolitano (2015, p. 69). “Georges Méliès pode ser considerado o criador do cinema como espetáculo, lançando as bases da expressão artística do cinema. Méliès realizou vários filmes produzidos com cenários e efeitos especiais, empregou atores e teve a intenção de contar uma história não registrando apenas imagens cotidianas”.

Méliès não se limitou a mostrar apenas imagens do dia a dia das pessoas, produziu e contou histórias, foi o responsável por desenvolver a primeira indústria de produções de longa-metragem, consolidando assim o cinema como arte e entretenimento, Napolitano (2015).

Como um expoente do desenvolvimento capitalista, é natural que a maior potência capitalista também participasse como protagonista do desenvolvimento cinematográfico. Com isso não demorou para que os Estados Unidos despontassem como o grande polo de produção cinematográfica mundial. Segundo Napolitano (2015, p. 70)

Ao longo dos anos 1920 começaram a surgir nos Estados Unidos os grandes estúdios de cinema, verdadeiras fábricas que nunca paravam de filmar. Hollywood, na Califórnia, se tornou centro mundial, sinônimo de cinema, por um motivo muito simples. Em Nova York, primeiro polo americano de cinema, as filmagens eram inviabilizadas, em boa parte do ano, pelo rigor do clima. A Califórnia, favorecida com clima quase tropical, facilitava o funcionamento dos estúdios e as tomadas de cenas externas durante o ano todo. Surgiram a Paramount (1927), RKO, MGM e Twentieth Century Fox.

A década de 1920 nos Estados Unidos foi de grande desenvolvimento econômico, foi a década dourada onde a prosperidade parecia ser infinita, neste contexto o país conquista também a hegemonia na produção e divulgação de filmes com o surgimento de vários estúdios.

David Wark Griffith foi um dos grandes responsáveis por consolidar uma linguagem específica do cinema norte americano. Seus dois filmes mais famosos

foram, *O nascimento de uma nação* (1915) e *Intolerância* (2016) onde envolveu dramas pessoais com momentos históricos.

Dentre outras situações que colaboraram para este sucesso podemos citar o fato de ser uma produção burguesa, que com a sua indústria em expansão, e um mundo globalizado permitiu o acesso das massas a esta arte, senão em uma sala de cinema, ao menos tiveram acesso a esses produtos pelos televisores dentro de suas próprias casas.

As produções cinematográficas, como toda arte, possuem como essência através das suas manifestações serem críticas, possuem um propósito, arte não é uma simples produção, ela transmite uma mensagem que é realizada dentro de um contexto, assim também é o cinema.

Um dos fatores que permitiu o sucesso é o fato da sua linguagem fílmica ser compreensível para todos, inclusive analfabetos, isto permite atingir um público grande, mesmo nos idos do começo do século XX, onde os índices de alfabetização das pessoas eram tímidos diante do que se apresenta hoje, observamos em (NAPOLITANO, 2018, p 20) “Esta característica possibilitou que inúmeros segmentos sociais, semianalfabetos ou mesmo analfabetos, tomassem contato com conteúdos diversos que antes só seriam possíveis por meio da palavra escrita”.

### **1.3 Cinema: propaganda e doutrinação**

Como já citado, o cinema ganhou grande dimensão em razão de estar inserido no contexto do desenvolvimento capitalista, suas produções visam uma afirmação dos valores e ideologias de quem os produz. O que não significa que apenas países capitalistas ou alinhados com os Estados Unidos utilizaram o cinema para fazer propagandas ou doutrinar as massas.

Durante o Estado Novo (1937-1945) de Getúlio Vargas, o cinema foi uma das ferramentas utilizadas para divulgar a imagem de Vargas e do seu governo. Segundo Morettin (2012, p. 68)

Os cinejornais produzidos por aquele órgão apresentavam uma sociedade em desenvolvimento, submetida aos desígnios de um poder de Estado centralizado, sem a demonstração de conflitos. Com o objetivo de criar um novo país, privilegiavam a exaltação nacionalista e o progresso econômico.

Morettin refere-se ao Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão criado durante o Estado Novo que tinha como função promover Vargas e as obras do

governo, assim como censurar toda produção que pudesse ser encarada como uma crítica ao regime Vargasista, que dentre as várias ferramentas que usou para promover o regime, fez uso de produções cinematográficas para apresentar o Estado Novo como sendo algo positivo para a nação.

Um exemplo disto são dois filmes produzidos para a campanha eleitoral de 1950, já no período democrático “*Uma vida a serviço do Brasil*” e, “*E ele voltou*” ambos dirigidos por A. Botelho e Aristeu Santana respectivamente. Segundo Morettin (2012, p.72), o primeiro filme retrata Vargas e o povo brasileiro da seguinte maneira:

A evocação de Vargas com a bandeira nacional, celebrada por música que evoca a nação brasileira, estabelece uma imediata conexão entre Vargas e a nação, apontando para a simbiose entre ambos, além de um compromisso nacionalista.

Fica evidente a utilização do cinema para promover um líder e uma ideologia pelas palavras de Morettin (2012), no caso de Getúlio Vargas e o projeto nacionalista. Governos autoritários como o do Estado Novo de Vargas logo perceberam as benesses que o cinema poderia oferecer para “vender” a sua ideologia as massas e assim angariar apoio popular aos seus projetos ditatoriais.

Nos anos que antecederam ao Golpe Militar de 1964, “o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPÊS), órgão criado pela alta burguesia com a finalidade de unir forças contra a esquerda que tinha como objetivo realizar pesquisas” (MORETTIN, 2012, p. 119), além de fazer oposição às políticas realizadas pelo governo de João Goulart também utilizou dentre outras ferramentas, o cinema para atingir seus objetivos.

Com financiamento da alta burguesia industrial nacional, de indústrias norte americana e até do governo dos Estados Unidos, o IPÊS procurando desconstruir Goulart, as suas políticas e a esquerda no Brasil fez uso de produções cinematográficas para conseguir apoio popular para suas causas, segundo Morettin (2012, p. 140)

Por isso curtas-metragens realizados por Manzon a mando do instituto, como *Depende de Mim, O que é democracia? E Conceito de Empresa*, procuraram indispor e mobilizar o espectador contra a esquerda ao apelar para um nacionalismo conservador mediado por valores cristãos.

O liberalismo econômico defendido pelo IPÊS foi divulgado por Manzon em suas produções realizadas no início dos anos 1960, e para tal fez uso de

manipulações para conseguir impor suas posições e ideologias sobre a população, fazendo inclusive uso de valores religiosos conforme aponta Morettin (2012.)

As produções citadas mostram como governos, grupos específicos se apropriaram das produções cinematográficas para através delas manipularem as opiniões das massas de acordo com a ideologia que lhe é conveniente.

Observamos que diante do grande poder de alcance e de influenciar as pessoas, o cinema foi amplamente utilizado pelos Departamentos de Propaganda e Publicidade de governos e instituições privadas.

Entre os grandes diretores, roteiristas, atores que fizeram e fazem do cinema uma ferramenta para realizar críticas sociais, temos Charles Chaplin, o Carlito, que mesmo com o cinema mudo conseguia extrair ao máximo a atenção e admiração do seu público. Segundo Napolitano (2015, p. 70)

Chaplin levou ao extremo as possibilidades narrativas do cinema mudo, graças ao enorme talento de sua expressão facial e corporal, além da habilidade única em narrar situações que mesclavam humor e crítica social. O garoto (1921) e A corrida do ouro, seus maiores sucessos dos anos 1920, são exemplos do seu talento e provocaram unanimidade entre crítica e público.

O cinema não foi ou é usado apenas para doutrinar, mas também para fazer críticas e levar a sociedade a refletir. Chaplin foi um desses personagens quase que únicos na história que conseguiram um grau de excelência naquilo que faziam quase que inatingível.

Chaplin escreveu, dirigiu, atuou, financiou seus filmes, produções atemporais que ainda hoje fazem o público rir e também são carregados de críticas e reflexões referente sociedade, mesmo sendo produções das primeiras décadas dos anos 1900, ainda hoje são utilizados para mediar discussões como os clássicos O Grande Ditador (1940) e Tempos Modernos (1936), duas críticas sociais, o primeiro ao autoritarismo que levou a Europa para Segunda Guerra Mundial, o segundo trata-se de uma crítica ao desenvolvimento industrial e sua relação com os trabalhadores.

Diante do exposto, observa-se que professores que pretendam trabalhar cinema com seus alunos não precisam ser especialistas no tema, contudo, “seja qual for o uso ou abordagem do filme na sala de aula, é importante que o professor conheça alguns elementos da linguagem e história do cinema”. (NAPOLITANO, 2015, p. 56), pois, estes sempre transmitem uma mensagem, citando Napolitano (2015, p. 94).

Quase sempre essas mensagens são de natureza político-ideológica ou étnico-moral e, neste sentido, o cinema (sobretudo o americano) tem uma função ideológica e cognitiva fundamental no mundo moderno. Ele não apenas veicula determinada imagem da “América” para os espectadores americanos como também consolida e propaga valores ideológicos e morais do *American way of life* (hoje cada dia mais hegemônico no mundo ocidental ou ocidentalizado), além de produtos e bens culturais em geral.

O cinema hollywoodiano conquistou uma hegemonia, e suas produções são grandes propagadores dos valores ideológicos dos Estados Unidos, como percebemos com os filmes do Estado Novo e as produções do IPÊS, não se trata exclusivamente de uma característica do cinema do país norte americano, vários países, regimes fazem uso deste meio de comunicação em massa para fazer propaganda ou críticas a opositores.

Conhecer essas características não desqualifica o cinema enquanto uma produção artística, mas torna o espectador crítico, o que é essencial para professores e alunos que fazem ou pretendem utilizar desta arte em sua prática de ensino-aprendizagem.

## **Capítulo 2. Cinema e escola**

### **2.1 O cinema como documento histórico**

O cinema está presente nas escolas brasileiras, e isto vem ocorrendo há décadas, quando pensamos no cinema como documento em aulas de História, temos em 1912, Jonathas Serrano, professor de História do Colégio Pedro II que fazia uso do cinema e incentivava seus colegas a fazerem o mesmo, afirma Bittencourt, (2009).

O objetivo da utilização dos filmes era romper com os tradicionais métodos de memorização existentes nas aulas e ensino de História, na qual os alunos se limitavam a decorar páginas de livros, datas e nomes de importância histórica. Entretanto, destaca Bittencourt, (2009, p. 373).

É interessante destacar que, se as imagens cinematográficas demoraram a penetrar na escola e ainda o fazem de maneira ilustrativa, elas foram praticamente ignoradas por longo tempo pelos historiadores, ocupados em análises de documentos “mais nobres”.

A tradição dos ideais positivistas presentes com muita influência particularmente nos primeiros anos da República no Brasil contribuiu para que filmes e documentários não tivessem grande atenção nas pesquisas e estudos dos

Historiadores brasileiros, o que levou as seguintes consequências segundo Bittencourt (2009, p. 373).

O desprezo de muitos historiadores para com o cinema fez com que este, conseqüentemente, não fosse tópicamente tratado nos cursos de graduação e formação docente e favoreceu, nas aulas de História, uma prática desvinculada de fundamentos metodológicos.

Atualmente, é comum encontrar o cinema em nossas escolas, mas para Bittencourt (2009) sua utilização carece de métodos para sua utilização enquanto documento histórico e ferramenta pedagógica, situação que se agrava pelo fato que durante a formação docente o cinema não é discutido como recurso didático ou um documento histórico.

Esse desprezo que foi dado ao cinema enquanto documento histórico contribui ainda hoje para se perder muitas oportunidades de, através desta ferramenta tornar as aulas mais prazerosas e significativas para os alunos, particularmente devido à falta de metodologia dos docentes que trabalham com este recurso em sua prática, Bittencourt (2009).

O cinema como documento histórico é capaz de contribuir para a compreensão de contextos históricos, compreender as transformações ocorridas ao longo da História. Entretanto para Bittencourt (2009) o cinema foi relegado, e quando utilizado lhe sobrou um papel secundário, uma função ilustrativa diante de uma tradicional historiografia positivista que valorizou os documentos considerados oficiais, ao qual se excluiu os filmes.

Para Bittencourt (2009) um dos desafios dos professores de História é superar esta tradição quanto ao cinema, desenvolver uma metodologia adequada a sua realidade; classe, conteúdo, recursos técnicos e desenvolver trabalhos com filmes relacionando com os temas abordados em sala de aula dando mais significado para os conteúdos junto aos alunos.

Para Bittencourt (2009) não há um modelo simplificado que possa se aplicar a todos para desenvolver uma análise cinematográfica, entretanto um filme enquanto recurso pedagógico não deve ficar em si só, é necessário ir além do conteúdo do filme.

## **2.2 Estrutura das escolas**

Além da questão da falta de metodologia apontada por Bittencourt (2009), outra dificuldade a ser encontrada pelos educadores que se dispõem a usar filmes em sua

prática é a falta de um espaço adequado para a sua exibição. São raras as escolas que dispõem de uma sala de cinema ou algo parecido neste sentido.

Referente a esta realidade em nossas escolas temos as seguintes considerações de Napolitano (2015, p. 17).

Evidentemente, não se trata de condicionar o uso de cinema na escola à existência de condições ideais de reprodução da experiência dentro de uma sala de cinema adequada, com tela, projetor, poltronas confortáveis, pipoca, ar condicionado e som estéreo.

Dificuldades ocorrem nesta fase, tendo em vista que as escolas raramente dispõem de um espaço semelhante com uma sala de cinema, quando se trata de escolas públicas do interior do país, as dificuldades podem ser ainda maiores, persistem escolas que faltam até mesmo aparelhos como televisores e data-shows que funcionem satisfatoriamente.

Napolitano (2015) afirma que nos grandes centros, as escolas públicas dispõem de mais estruturas, na rede privada os problemas são menores, praticamente todas as escolas possuem um aparelho de televisão acoplado com um vídeo cassete, o que já viabiliza o trabalho com filmes, mas ainda não da maneira ideal.

Em um ambiente nestas condições não é tarefa simples para manter a concentração dos educandos no filme que está sendo exibido, assim como toda a dificuldade de organização que o professor terá que enfrentar para exibir seus filmes, lembrando que as aulas são de cinquenta minutos, podendo ser tradicionalmente de no máximo duas aulas seguidas, ou seja, cem minutos são o que o professor na maioria das vezes dispõe de tempo para apresentar um filme. Para Napolitano (2015, p. 18)

O importante é conhecer os limites e as possibilidades técnicas antes mesmo de planejar suas atividades didático pedagógicas com o cinema. A displicência do professor em relação a esses pontos, aparentemente banais, pode inviabilizar ou prejudicar o uso do cinema em sala de aula.

Observa-se que é fundamental que o professor ao pretender usar filmes em sua aula faça um planejamento, não apenas dos aspectos referentes aos conteúdos e reflexões que se pretende atingir, mas também aos aspectos estruturais para a exibição dos filmes.

Os envolvidos na atividade devem ter consciência de que não se trata de levar uma classe para o cinema, mas de explorar um documento que é utilizado como ferramenta pedagógica e de acordo com as possibilidades que a escola permite.

O professor deve estar ciente das dificuldades estruturais e transmitir isso aos alunos, superando assim às adversidades quanto às deficiências das escolas, muitos obstáculos serão superados e assistir um filme em sala de aula associado a um conteúdo será mais significativo e trará mais elementos para a compreensão desejada pelo professor.

### **2.3 Planejamento das atividades**

Superado as dificuldades estruturais citadas anteriormente, é importante ressaltar que o cinema é um produto comercial, como tal precisa vender e render lucros. “O professor deve ter clareza que o cinema não foi pensando para algo educativo, o filme é um produto para o mercado” Napolitano, (2015, p. 11).

Com essa característica suas produções visam agradar o público, e para atingir estes objetivos seus roteiros criam narrativas e personagens que em muitas situações não condizem com os fatos históricos, deixando muitas lacunas, as quais dependendo dos objetivos estabelecidos pelo professor devem ser preenchidas.

Diante desta situação, o professor que trabalhar com filmes como ferramenta pedagógica deve orientar seus alunos sobre as características do filme, orientar os mesmo a ter uma visão além do que é mostrado nas telas, segundo Napolitano (2015, p. 15).

A diferença é que a escola, tendo o professor como mediador, deve propor leituras mais ambiciosas além do puro lazer, fazendo a ponte entre emoção e razão de forma mais direcionada, incentivando o aluno a se tornar um espectador mais exigente e crítico, propondo relações de conteúdo/linguagem do filme com o conteúdo escolar. Este é o desafio.

A função do professor é mediar o filme/conteúdo/aluno além de possibilitar uma aprendizagem significativa, mas com o cuidado de evitar se iludir com a romantização presente nas produções cinematográficas e, sempre que observar preencher os espaços existentes nas narrativas históricas. De acordo com Napolitano (2015), não se deve deixar levar pelas emoções, afinal é uma aula, uma aula de História e o professor tem que ter o comprometimento com a verdade histórica.

Um filme abordado de maneira crítica contribui para desmistificar a ideia enraizada em nossas escolas de que um filme serve mais para distrair uma sala, do que para ser usado como aula propriamente dita. Sentimento este em relação aos filmes que surgiu devido à falta de preparo dos professores para trabalhar com esta ferramenta, como já visto anteriormente com base nos estudos de Bittencourt (2009), e também devido às inúmeras vezes em que na ausência de professores os estudantes foram colocados frente a uma tela de televisão para assistirem um filme, sem que houvesse uma discussão referente ao tema retratado no filme.

Filmes são exibidos com frequência em nossas salas de aula, desde a escola básica a formação no superior. Entretanto, dentro de que contexto estes filmes são exibidos, qual é a culminância desta prática pedagógica. Conforme Napolitano (2018, p.11) em seu livro *Como Usar a Televisão em Sala de Aula* explica que:

O problema é que, em muitos casos, o uso das imagens requer um tipo de abordagem diferente das reservadas ao documento escrito [...] A incorporação deste tipo de documento/linguagem não deve ser tomada como panaceia para salvar o ensino de história e torna-lo mais moderno.

Quando Napolitano (2018) diz imagens, está referindo também as televisivas, produções como telenovelas, documentários, jornais, além do cinema.

Por se tratar de uma atividade diferente em relação às aulas expositivas que possuem usualmente como base o livro didático, o autor coloca que a metodologia deve ser diferenciada, pois, mudar a ferramenta mantendo a mesma metodologia poderá levar ao fracasso da atividade, o que ocorre com frequência nas salas de aula de nossas escolas.

Outra questão trazida por Napolitano (2018), e a possível crença de alguns docentes de que o filme pode ser o suficiente para resolver o problema da aprendizagem de determinado conteúdo Para Napolitano (2018), uma compreensão apurada de um filme exigirá um nível de leitura adequado. O autor destaca que:

Desde já destacamos que o trabalho com as imagens e conteúdos televisuais será tanto mais profícuo quanto maior for à capacidade de leitura dos alunos. Em outras palavras, não se trata de propor a substituição da palavra escrita por imagens, visando atualizar a escola numa época das suas formas tradicionais.

Ou seja, trabalhar com filmes, por exemplo, não significará o fim dos problemas de aprendizagem dos nossos alunos, as imagens agem como subsidio, uma

ferramenta a mais no processo de ensino-aprendizagem, o objetivo não seria uma substituição, inclusive por que para o autor, uma compreensão do filme necessita de um índice de proficiência em leitura.

Preparar os alunos para a linguagem fílmica é outro aspecto que não deve ser desprezado pelo professor, vivemos em um país que possui uma diversidade cultural muito grande. Para Napolitano (2015, p. 19)

Além dessa preocupação, o professor, ao escolher os filmes para a sala de aula, deve ter o cuidado de respeitar os valores culturais, religiosos e orais dos alunos e de suas famílias, mesmo discordando deles. Não se trata de parecer simpático e conciliatório perante o grupo, e si não bloquear a assimilação de m filme em consequência da precipitação em exibi-lo para uma classe que não estava preparada para aquele tipo de história e conteúdo, seja por limites culturais, morais ou religiosos.

Este cuidado ao escolher um filme para se trabalhar junto aos alunos não necessariamente vão limitar a problematização ou reproduzir os valores socioculturais já existentes, mas sim de evitar choques socioculturais ou trazer títulos para a sala de aula que não tenham nenhum significado para os estudantes, podendo ocorrer segundo Napolitano (2015) um bloqueio pedagógico nos discentes.

Não há uma receita pronta para se trabalhar com filmes em sala de aula, o que se observa é que alguns aspectos não podem ser desprezados quando for fazer uso desta ferramenta pedagógica. Um bom planejamento e uma metodologia apropriada para cada especificidade contribuem para o êxito do trabalho docente com o cinema na sala de aula.

## **2.4 Cinema e História**

Dentre as várias formas existentes de se abordar um conteúdo de história, está à utilização de filmes e documentários. Estes são variados e abordam vários aspectos e problemas sociais. Das disciplinas do nosso currículo, provavelmente a que mais se beneficia com materiais produzidos por documentários e filmes é a História. Não faltam títulos épicos com roteiros históricos, animações infantis, os gêneros são variados, as classificações diversas, inúmeras abordagens de vários pontos de vista são encontrados. Ou seja, as possibilidades são múltiplas.

Frente a esta infinidade de material, é muito enriquecedor para uma turma de alunos que os professores possuam as habilidades necessárias para abordar o cinema em sala de aula. Um professor bem preparado para mediar à ligação entre

cinema/documentário e conteúdos de história poderá conseguir melhorar a qualidade de suas aulas, dando significado aos conteúdos para os alunos.

Para Napolitano (2012, p. 233) “se há um filme, há uma História, e esta história deve ser contada de várias óticas e isto o cinema nos permite”. As produções cinematográficas através de uma narrativa própria tornam-se testemunha de um fato, de forma enigmática leva os espectadores onde o fato ocorre, tornando os mesmos testemunhas dos acontecimentos, entretanto há lacunas, há exageros e omissões, observar essas circunstâncias é papel do professor.

O filme também pode ser uma ferramenta importante na interação com outras disciplinas, provocando o diálogo entre diferentes professores através de uma mesma ferramenta, são diversos os títulos que podem abordar além de conceitos históricos, assuntos relacionados à geografia, português, ciências, matemática, conforme destaca Fonseca (2003, p. 179):

O filme se ajusta a um amplo universo temático, possibilitando um trabalho multi e interdisciplinar. Em conjunto com outros materiais facilita a aquisição e a elaboração de conceitos importantes para o entendimento do modo de organização e da qualidade de vida na sociedade capitalista.

Os estudantes terão maiores possibilidades de perceber que há um diálogo entre as diferentes disciplinas, que uma compreensão ampla de todas se faz necessário para o processo de ensino aprendizagem, o cinema contribui para o trabalho multidisciplinar.

Especificamente nas aulas de História, onde se trabalha mudanças e permanências ao longo dos tempos, podemos perceber nas telas do cinema a transformação da realidade. Segundo Fresquet (2013, p. 33).

Podemos exemplificar isso quando imaginamos como a vida no Amazonas ou no Antigo Egito. Senão tivéssemos imagens de rios caudalosos, de florestas selvagens, embora conhecidos em fotos ou gravuras, de areia e deserto, de faraós e esfinges, mal poderíamos nos situar em um lugar que não conhecemos (embora possamos conhecer) ou em outros espaços/tempos impossíveis de ter acesso. Hoje, a tecnologia das artes visuais torna esta segunda forma mais acessível.

O cinema poderá também contribuir para uma das primeiras conquistas do professor diante da sua árdua tarefa de ministrar aulas que é a de conquistar a disciplina dos alunos, o interesse e participação dos mesmos nas atividades e

consequentemente a apreensão de conceitos históricos, apreensão de realidades históricas pode ser surpreendente diante da apresentação de um filme.

As possibilidades de abordagens em uma aula de História são variadas, pois se trata de um documento histórico que fora produzido pela Humanidade e hoje podem servir para interpretar como determinadas sociedades eram estruturadas.

Oliveira (2012) afirma que documentos históricos durante o século XIX e início do século XX se restringiam basicamente aos documentos escritos. Segundo Oliveira (2012, p. 20) “Para a Escola dos Annales e, conseqüentemente, a Nova História o conceito de documento se ampliou, evidenciando que ele não pode ser visto dissociado da ação humana, sendo dela sua expressão”. Essas mudanças trouxeram novas abordagens em relação ao cinema, ampliando as possibilidades de sua utilização em sala de aula.

Com o passar dos anos o conceito de documento histórico se ampliou, possibilitando uma interpretação mais fiel da realidade dos fatos históricos, dando importância também aos personagens anônimos que até então eram negligenciados pelos historiadores.

Diante desta situação os professores de História do Ensino Fundamental, ciclo II deve selecionar um ou mais documentos e a partir de suas escolhas contextualizarem o período histórico e a sociedade qual é tema da abordagem.

Dentre os vários documentos que possibilitam interpretar tempos históricos está o cinema, e este não deve ser desprezado, em especial por fazer parte do cotidiano do aluno.

No entanto, o professor deve estar atento que por mais completo que seja um documento (filme), ele possui lacunas de conhecimentos, informações que devem ser preenchidas pelo professor, apresentada através de outros documentos, o que pode ser inclusive outro filme.

Os filmes devem ser apresentados aos alunos, no entanto ele por si só não ensina, é essencial o papel de mediador do professor, o qual deve propor reflexões, realizar críticas necessárias, estar atento aos objetivos de quem os produziu.

Não devemos nos esquecer de que o cinema é um produto comercial, preocupado além da sua narrativa, com os lucros, sendo assim está interessado em agradar o público. Complementado Napolitano, para Nunes (2018, p. 51). “Ele recria o mundo, produzindo um discurso que o representa, ainda que parcialmente, e que

precisa ser lido e criticado como uma das inúmeras possibilidades de interpretação de fenômenos físicos, sociais e culturais historicamente localizados”.

Todo documento que nos possibilita compreender tempos históricos, observar permanências e rupturas temporais nos fornecem importantes ferramentas dentro do ensino de História, no entanto o cinema é uma recriação da realidade, um fragmento e como tal deve ser criticado com muita atenção, não sendo considerada uma verdade absoluta, a única interpretação sobre determinado fato ou aspecto da sociedade. Para Fresquet (2013, p. 34)

O cinema permite confrontar no mesmo quadro, no mesmo filme, coisas que são heterogêneas. Então, é evidente, quando a criança e o adulto podem fazer experiência direta da alteridade. Em um filme, por exemplo, um homem pode se identificar completamente com uma mulher, com os problemas e pensamento de uma mulher, enquanto que na vida real é muito mais difícil.

O cinema permite aos alunos que se identifiquem com os personagens, troquem de posições com as figuras históricas, anônimos ou não, permitindo assim uma maior compreensão da realidade. Toda fonte histórica tem as suas peculiaridades, o cinema dispõe das suas. Devemos ter sempre a consciência de que o cinema é uma arte, e arte tem por objetivo envolver seu público.

Observamos duas colocações muito importante que os professores devem estar atentos ao trabalhar com cinema. É uma obra arte, e como tal deve ser dado crédito aos seus produtores. Para Nunes (2018, p. 54):

Reconhecido como uma instância educativa por excelência, o ambiente escolar não é considerado pelos/as professores/as um lugar destinado ao descanso ou ao divertimento. Portanto, a mediação exercida pela escola no contato dos estudantes com os filmes direciona-se à realização de aprendizagem que favoreçam uma interação qualificada com este objeto.

Trazer filmes para a sala de aula não deve ter como intenção se divertir, mas sim ensinar, e para que isto aconteça é essencial o papel do professor como mediador na relação e interação que acontecerá entre os estudantes e o filme. O docente deve ter ciência de que os objetivos do cinema na escola não são os mesmo fora dela, não significa que não possa ser uma atividade divertida, mas os objetivos propostos devem ser o foco da aula.

## Capítulo 3. Cinema; conteúdos e abordagens históricas

### 3.1 Cinema-documento histórico

Existem vários documentos oficiais no Brasil que tratam da inserção cultural nos processos de ensino aprendizagem. Entre as quais destacamos a *Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003 art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.*

Esta lei (Brasil 2003) tem por objetivo dar a essas culturas o espaço de protagonistas na construção da identidade brasileira, culturas essas que sempre foram colocadas de forma periférica em nossas salas de aula.

Temos ainda a *Lei de 13.006 (BRASIL, 2014)* de autoria do Senador Cristovam Buarque de 26 de junho de 2014, onde determina que: passa a vigorar acrescido do seguinte. A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais.

Estas duas leis podem ser trabalhadas concomitantemente. Ao se trabalhar filmes nacionais junto aos nossos educandos, podemos escolher dentre vários títulos, trabalhos que abordam questões relacionadas com a história e cultura dos povos africanos e indígenas. Os filmes enquanto documento histórico nos permite interpretar contextos históricos, observar permanências e rupturas históricas, premissas do ensino de História.

O cinema contribui para a reflexão sobre o nosso momento atual, e ao processo pelo qual os negros e indígenas foram e ainda são submetidos neste país, onde reconhecidamente através de dados estatísticos como diferenças salariais, expectativas de vida, diferenças socioeconômicas mostram grandes diferenças entre negros e brancos, toda esta situação é consequência de estereótipos, uma cultura de preconceito e exclusão social dos negros e indígenas em nosso país que ainda persiste nos dias atuais.

Procurando ferramentas e possibilidades de se desenvolver trabalhos que venham a contribuir para mudar esta realidade em nosso país Nunes (2017) afirma que professores que recorrem a filmes na sua prática pedagógica buscam personagens inspiradores que venham a servir como parâmetros de comportamentos, de atitudes que as pessoas devem ter com os outros e consigo mesmo.

O cinema através da sua capacidade de envolver emocionalmente as pessoas abre possibilidades para uma mudança de atitude, rever conceitos e paradigmas enraizados em uma cultura, uma sociedade que se construiu tendo como modelo a Europa e seus valores.

No intuito de construir uma escola e educação democrática temos a seguinte afirmação de Souza (2011, p. 14).

Levar o escurinho do cinema para a sala de aula é muito mais do que projetar a implementação da Lei Federal 13.006/2014. É, sem dúvida alguma, promover atividades lúdicas, recreativas e estimular nossos (as) alunos (as) a encontrar no suspense, na ficção, no drama, na comédia ou animação, entre outras categorias cinematográficas, recursos para construção coletiva de uma escola democrática e harmônica, em que o compromisso com o respeito à diversidade e à construção da cidadania esteja pautado nos critérios e escolhas do roteiro curricular.

Como observamos nas palavras de Souza, complementando o pensamento de Nunes (2017) identificamos nos cinemas possibilidades de contribuição na construção de uma sociedade que respeite à diversidade, a pluralidade étnica, cultural que há no Brasil.

O cinema pode também contribuir para superar outra dificuldade encontrada pelos docentes de História, a falta de documentos para trabalhar a cultura e História da África e Indígena, como determina a Lei 10.639/2003 (BRASIL, 2003).

Para Bittencourt (2009) há uma ausência ou criação de estereótipos nos livros didáticos em relação a grupos étnicos minoritários que formam a sociedade brasileira. O que conseqüentemente leva a negação da contribuição da cultura africana e indígena na formação da identidade brasileira. Referente aos povos indígenas, por exemplo, afirma Bittencourt (2009, p. 305).

No caso das populações indígenas, os educadores têm se preocupado com a permanência de visões deformadoras e incompletas sobre esses povos. Algumas de suas análises identificam a ausência de estudos sobre a história indígena, situação que dificulta igualmente mudanças na produção didática.

Verificamos então, pelos estudos de Bittencourt (2009) que há um tratamento preconceituoso em relação aos indígenas e também aos negros em nossos livros didáticos, que ainda são o principal recurso utilizado pelos professores em sua prática.

Seguindo as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) Ensino Fundamental II de História, (BRASIL, 1998) que orienta os professores a utilizar diferentes fontes históricas e diferentes meios de informações, qual cita os

filmes como ferramentas para serem utilizados como recursos/documentos de ensino de História.

Em suma, destaca-se a importância de demonstrar como o cinema pode contribuir para preencher as lacunas existentes nos nossos livros e outras ferramentas que são o principal meio pelo qual os professores e alunos utilizam como recurso pedagógico quando se trata da cultura e História da África e indígena.

Para cumprir com o que determina a legislação e, ao mesmo tempo levar os alunos a apreensão de informações e conhecimentos que ainda persistem em ser ignorado pelos livros utilizados por nossos alunos nas aulas de História, o cinema se apresenta como um objeto que deve ser pensado como recurso didático pelos professores de História.

### **3.2 Filmes nacionais e possíveis abordagens**

Terão nas próximas linhas deste trabalho alguns filmes e seus respectivos temas que são abordados pelos seus roteiros. O objetivo é trazer elementos através destas produções para trabalhar questões relacionadas às desigualdades sociais, preconceito e violência que os negros e grupos sociais excluídos foram e ainda são vítimas, trabalhando no mesmo sentido que orientam os documentos oficiais de ensino.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental II de História temos como um dos objetivos gerais, Brasil (1998, p. 43):

Conhecer e respeitar o modo de vida de diferentes grupos, em diversos tempos e espaços, em suas manifestações culturais, econômicas, políticas e sociais, reconhecendo semelhanças e diferenças entre eles, continuidades e discontinuidades, conflitos e contradições sociais; conhecer e respeitar o modo de vida de diferentes grupos, em diversos tempos e espaços, em suas manifestações culturais, econômicas, políticas e sociais, reconhecendo semelhanças e diferenças entre eles, continuidades e discontinuidades, conflitos e contradições sociais.

Para cumprir com este objetivo exposto nos Parâmetros Curriculares Nacional (BRASIL. 1998) os filmes constituem um documento rico em elementos que possibilitam ao aluno apreender de forma prazerosa e significativa os conflitos e contradições que envolvem os negros e índios em nossa sociedade, assim como as políticas públicas que existem para esta questão.

Para exemplificar, discutiremos acerca de alguns filmes, iniciaremos com O filme *Orfeu*, de Cacá Diegues (1999), que se apresenta como uma produção que conta um drama vivido na favela do Rio de Janeiro, durante a maior festa popular do Brasil,

o Carnaval e possibilita aos envolvidos na atividade realizar várias reflexões sobre o contexto das periferias brasileiras.

Diegues em *Orfeu* (1999) optou por mostrar a favela como um fragmento da realidade social brasileira. Através das imagens em movimento retratadas neste filme, podemos levar o aluno que não conhece de perto a realidade ter uma compreensão destes aspectos das grandes cidades brasileiras.

Patrícia França interpreta uma acreana que vem para a cidade do Rio de Janeiro em busca de um parente, algo comum na história moderna do Brasil, o grande fluxo de pessoas do norte e nordeste em direção à região sudeste/sul do país em busca de oportunidades de construir uma vida melhor.

A violência, tão presente nas favelas faz parte do roteiro do filme, a população acuada que não resta muita escolha entre ser cúmplice do crime ou se omitir e silenciar-se, a ausência do Estado, onde em muitos casos só se faz presente quando a polícia invade as periferias, e nem sempre é para combater o crime, mas sim dividir os lucros das práticas criminosas, as leis impostas pelos traficantes as quais a população é obrigada a aderir. Esses são apenas alguns aspectos abordados. Para Souza (2011, p. 78)

O filme *Orfeu*, de Carlos Diegues, oferece aos estudantes uma ótima oportunidade de discutir importantes questões relativas aos afrodescendentes brasileiros, utilizando temas transversais que permeiam as disciplinas da Educação Básica, nomeadamente História, Geografia, Literatura, Ciências Sociais e Artes.

O drama de *Orfeu* se passa durante o Carnaval, maior festa popular do Brasil, mas qual é origem desta festa? Qual é a participação de outras culturas, em particular africana e indígena? Há manifestação cultural na favela? Como ela se apresenta, quais são as suas influências? Como ela é vista por outras comunidades, outros grupos sociais? Respostas a essas questões levam ao ensino da diversidade e o respeito da mesma e mudar o olhar em relação às periferias.

O filme de Diegues (1999) possibilita também o trabalho interdisciplinar, relacionar com outras áreas do conhecimento aspectos do filme contribui para o aluno perceber que as várias áreas do conhecimento se relacionam entre si e que nenhuma disciplina deve ser desprezada pelo aluno.

O documentário *A Negação do Brasil*, de Joel Zito Araújo (2000), cineasta brasileiro que aborda em seu trabalho o papel do negro nas telenovelas brasileiras. Este gênero é o maior comunicador em massa que existe no Brasil, mesmo com a

expansão do cinema, as telenovelas continuam sendo líderes de audiência na televisão brasileira.

Muitos assuntos polêmicos são abordados em suas produções, entretanto para Souza (2011, p. 88).

Ultimamente foi possível ver denúncia sobre violência contra a mulher, campanhas contra o uso de drogas, a favor do transplante de órgãos, contra a corrupção na política e a situação de imigrantes ilegais nos Estados Unidos, etc. Mas existe um tema que ainda não conseguiu atrair de forma coerente à atenção dos diretores; estou falando da questão racial no país.

Como Souza (2011) nos diz, dentre os vários assuntos discutidos pelas telenovelas, à temática do racismo ainda não foi dada a devida atenção por parte dos envolvidos nestas produções, encontrar os fatores que levam a esta omissão pode trazer várias reflexões referente às práticas racistas existente em nossa sociedade e perceber que o racismo não se manifesta apenas quando há agressões verbais ou mesmo físicas, existem várias outras formas de manifestação do preconceito, às vezes passa despercebido pelo grande público.

Outro documentário *O Rap do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas* (2000), dirigido por Paulo Caldas e Marcelo Luna tem como temática a violência nas periferias, e o *hip hop* como manifestação cultural e a possibilidade de se expressar das comunidades, assim como uma oportunidade na vida, que não seja a do crime. Segundo Souza (2011, p. 94) “O movimento hip hop ganha espaço projetado como uma das saídas encontradas pela juventude da periferia”.

O movimento hip hop é visto por uma parte da sociedade como um gênero que contribui para a violência. Isto de fato tem sentido? Se sim até que ponto? Na contramão desses pensamentos, muitos trabalhos e projetos educativos utilizam o hip hop como ferramenta educativa. Isto tem servido para contribuir no processo de aprendizagem de nossos discentes, se sim, até que ponto?

Essas questões devem ser discutidas, tendo como objetivo quebrar paradigmas criados há séculos sobre as manifestações culturais negras no Brasil, este documentário é uma ferramenta que tem possibilidades de contribuir para que isto aconteça.

Fernando Meirelles e Nando Olival dirigiram o filme *Doméstica*, de 2001, que têm como temática o trabalho de uma parte considerável das mulheres negras do país, para Souza (2011, p. 100).

E não é uma reflexão vã; o trabalho doméstico muitas é vezes a única opção de emprego para grande parte da população pobre do país, é visto como um trabalho menor, a ser realizado por pessoas sem capacitação. Isso não é coisa de agora; do Brasil colonial, onde trabalho doméstico era feito por escravas e seus filhos, ao Brasil pós-escravatura, que continuou a ser executado pelos descendentes desses escravos, acrescido de um contingente de brancos pobres, a figura do trabalhador menor que, muitas vezes, recebia como remuneração do seu trabalho moradia e comida, numa relação de falso parentesco – o agregado – que perpetuava o trabalho escravo, disfarçando-o de caridade.

O trabalho doméstico é ainda visto como subemprego, algo não valorizado em nossa cultura, como se fosse uma sina, executado por pessoas sem grandes habilidades, com pouco estudo, às vezes nenhum, em grande parte por negras, descendentes de escravas que também exerciam as mesmas funções na época colonialista.

O tema é amplo, muitas questões podem ser suscitadas através desta obra. Por que o trabalho é considerado um subemprego? Por que a grande maioria das domésticas é negra? Souza (2011, p.103) ressalta que “a desvalorização do trabalho doméstico no Brasil apresenta um tripé: discriminação da pobreza, do gênero e da raça”.

Como observado, há uma grande variedade de abordagens neste filme para trabalhar a contemporaneidade, fazendo relação com contextos históricos da nossa formação e situações cotidianas das famílias dos alunos.

Os filmes e documentários citados são apenas algumas das produções entre várias possíveis para se trabalhar em nossas escolas junto aos nossos alunos. O preconceito é grande também em nossas produções cinematográficas e televisivas, entretanto hoje se abriu uma janela e muitos trabalhos vêm sendo produzidos e poderá servir de ponte entre o aluno e o conhecimento em nossas escolas, fato que contribui para o trabalho do professor que enfrenta dificuldades em conseguir fontes históricas e materiais.

Observamos alguns filmes nacionais que aborda o tema do racismo, da exclusão social dos negros, outras produções nacionais podem ser utilizadas para abordar outros assuntos como a questão indígena presente em *Macunaíma* (1969), dirigido por Joaquim Pedro de Andrade, a Inconfidência ou Conjuração Mineira através do filme *Xica da Silva* (1976), dirigido por Cacá Diegues. Produções

cinematográficas existem, e são muito ricas para abordar os mais diferentes conteúdos da disciplina de História.

### 3.3 Filmes estrangeiros

Obras hollywoodianas também se dedicam a tratar dos conflitos envolvendo a questão racial, assim como no Brasil, os Estados Unidos persistem conflitos étnicos raciais, talvez a única diferença seja que lá era algo até pouco tempo institucionalizado, não existe o mito da pacificação racial como ocorre no Brasil.

O filme *Um Grito de Liberdade*, Inglaterra (1987), dirigido por Richard Attenborough, quem conta em seu elenco com Denzel Washington retrata o regime segregacionista do apartheid, na África do Sul. Contando a vida do militante Steve Biko e sua luta contra às práticas racistas.

A história do Brasil não se compara como a vivida pelos sul africanos, cada país possui a sua História. Dessa maneira, no Brasil a concepção de que vivemos em uma nação onde as pessoas de diferentes etnias vivem pacificamente não permitiu que discussões sobre racismo e exclusão ocorressem de forma significativa. Um exemplo disto é o pouco que se sabe sobre as nossas lideranças negras e suas lutas por igualdade social.

O filme de Richard Attenborough nos leva a conhecer as características do apartheid, e nos levar a refletir sobre quem são as nossas referências na luta contra o racismo, a escravidão. Souza nos alerta também sobre o seguinte aspecto, Souza (2011, p. 128)

Devemos ter todos os cuidados necessários para que o conteúdo do filme possa suscitar o amor no coração das pessoas a fim de que passem a defender uma causa que seja de inclusão étnico-racial para todos e todas, independente da quantidade de melanina presente na pele de cada um.

Ao abordar a temática do racismo em sala de aula pelo cinema, além da compreensão histórica dos elementos que envolvem toda a questão, não se devem perder o objetivo de promover o respeito entre as pessoas, independente da sua origem étnica,

Malcolm Little, um das maiores lideranças na luta contra o racismo nos Estados Unidos também teve a sua vida retratada nos cinemas. Denzel Washington novamente é protagonista neste filme, dirigido por Spike Lee, *Malcolm X*, Estados Unidos (1992) foi uma produção que devido à limitação financeira quase não

acontece, só foi possível a sua conclusão devido a doações de astros negros como Michael Jordan e Magic Johnson, por exemplo, como observou Souza (2011).

Filmes como o de Malcon X para Souza serve de referência e inspiração para outras produções que tenham como narrativa a luta de grandes lideranças e lutas contra a opressão, exclusão e o racismo. Souza (2011, p. 138).

Baseada na autobiografia de Malcon X, publicada por Alex Haley, conhecido escritor negro norte-americano, autor do livro que inspirou a série de televisão intitulada Raízes, o filme retrata a vida de um homem cuja trajetória de autossuperação das condições inferiorizantes e degradantes provocadas pelo racismo, configuram-se como um exemplo de dignidade, altivez e determinação.

O trabalho de Spike Lee, diretor reconhecido por sua luta para contra o racismo que através da sétima arte valoriza a cultura, história e líderes negros dos Estados Unidos mostra a violência a qual os negros são submetidos em seu país através da vida de Malcon X, assim como a sua superação e luta para transformar a sociedade a qual faz parte.

Os filmes de Spike Lee são ótimas oportunidades para se discutir em sala de aula, situações que ainda são presentes na sociedade norte americana como a atuação da seita supra racista Ku Klux Klan.

Os filmes e documentários citados são apenas alguns entre vários que podem ser usados em sala de aula. O cinema e a produção televisiva como novelas são influenciadas pelo mercado, que tem no negro um mercado inexpressivo, além de infelizmente sofrer também com o preconceito.

Essas características contribuem negativamente para a produção de trabalhos referente a abordagens como racismo, preconceito e exclusão, no entanto diretores como Spike Lee, Cacá Diegues superam as adversidades e com trabalhos que mesmo não sendo agraciados com o Oscar, são sucesso de crítica e contam a história de uma parte da sociedade que é excluída, que por preconceitos e vergonha dos “donos do poder” tem suas histórias relegadas ao esquecimento.

No que diz respeito de que maneira o professor deve abordar, qual filme ou documentário deve ser utilizado é uma questão que deve ser resolvida pelo professor. Este trabalho procurou demonstrar a utilidade do cinema enquanto recurso pedagógico.

A temática do racismo, luta e resistência dos povos afrodescendentes faz parte dos conteúdos e objetivos do Ensino de História no Ensino Fundamental II e serviram

para demonstrar como os filmes podem servir como documento histórico, e em tempos de lei 10.639 e 13.006, a sétima arte pode ser uma ferramenta pedagógica fascinante e de grande valia para o processo de ensino aprendizagem de História, da Cultura Afro-Indígena.

O cinema deve ser usado como recurso pedagógico, ter uma metodologia, neste sentido pode ser seguido as orientações de Patrícia Romagnani (2008): Onde o primeiro passo é a escolha e o estudo do filme por parte do professor, não se deve basear apenas no título. Planejar a e delimitar os objetivos que se espera atingir com o filme. A exibição deve coincidir com o tempo de duração da aula, após assistirem o filme, um debate deve acontecer, neste momento o professor terá condições de avaliar os resultados, observando se os objetivos foram alcançados.

Outro aspecto essencial que o professor deve ter referente a filmes é de que se trata de um documento histórico, capaz de levar o aluno a compreensão e assimilação de conteúdos e conceitos históricos, observar rupturas e permanências históricas, as premissas da História.

### **Considerações Finais**

O estudo apresentou um breve resumo da história do cinema e as suas especificidades, desde o seu surgimento na França até a sua expansão nos Estados Unidos onde se consolidou como uma grande indústria. Assim sendo, por meio de autores que se dedicam em estudar a relação entre cinema e ensino procurou-se apresentar as possibilidades que esta mídia de fácil acesso pode dar às aulas de História, bem como as dificuldades e erros mais comuns que ocorrem em nossas escolas.

Desta forma, tratando-se de uma ferramenta pedagógica, um dos principais objetivos foi o de conhecer este objeto, as suas principais características, os benefícios e seus perigos, o que está envolvido em suas produções, quais são os interesses que por muitas vezes movem esta grande indústria, que é a produção cinematográfica.

Como uma produção artística e dentro de um desenvolvimento capitalista, observamos algumas características das produções cinematográficas que são

fundamentais que professores que pretendem fazer seu uso em sala de aula devem conhecer, evitando assim de incorrer em erros.

Em nenhum momento foi objetivo tornar professores especialista em cinema ou apresentar uma fórmula pronta para trabalhar com filmes nas escolas, entretanto é fundamental que qualquer profissional conheça a ferramenta que está utilizando.

Para isto foi exposto com maior ênfase algumas especificidades do cinema, como por exemplo, a sua capacidade de envolver as pessoas, onde os espectadores vivem as emoções, os sentimentos dos personagens retratados nas telas. Fato que se deve em muito a sua linguagem que é compreendida por todos.

Característica que ao serem percebidas por governos e instituições privadas, estes passaram a fazer uso desta arte para impor seus valores e crenças à sociedade. Diante desta particularidade do cinema, a educação não deve abdicar de fazer uso como instrumento de ensino aprendizagem, entretanto se faz necessário aqui um olhar crítico do professor quanto às mensagens implícitas e até mesmo explícitas que os filmes procuram transmitir ao seu público.

Enquanto documento histórico, ao cinema foi relegado um papel secundário, situação que vem se alterando nos últimos anos com a ampliação dos conceitos referentes à documentos históricos, e como observados por pesquisadores que se dedicam ao estudo de práticas e metodologias do ensino de História, seu uso enquanto fonte de conhecimento histórico hoje é reconhecido, e, inclusive incentivado a sua utilização para a interpretação e compreensão dos fatos históricos.

Desta forma, procurou-se exemplificar de forma objetiva possibilidades da utilização dos filmes em sala de aula para abordar um tema específico, foi feito o uso de produções que possuem como tema o racismo, exclusão, desigualdade social os quais abordam em seus roteiros temas como o *apartheid* na África do Sul, lutas por direitos civis nos Estados, temas estes que fazem parte dos conteúdos discutido no 9º ano do Ensino Fundamental, além de produções que abordam os problemas sociais no Brasil contemporâneo.

Como citado ao longo do trabalho, o filme por si só não ensina, mas possui uma magia que envolve seu público, e quando contam histórias ou fazem abordagens que dialogam com os conteúdos de História, torna-se uma ferramenta que pode contribuir para tornar as aulas de História mais significativas e atraentes para nossos alunos, contribuindo assim para, se não resolver, amenizar muitos problemas de nossas escolas como a indisciplina e a própria aprendizagem dos nossos alunos.

Em suma, a disciplina de História é uma grande privilegiada pela indústria cinematográfica, não faltam opções de filmes para trabalhar a diversidades de conteúdos. Sendo assim, os professores não devem desperdiçar a oportunidade de fazer uso em seu trabalho desta magia, que é o cinema, pois ele, o cinema, faz parte do cotidiano do aluno.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Sylvia Elisabeth de Paula: **O cinema na sala de aula: uma aprendizagem dialógica da disciplina História**. Fortaleza, CE. Universidade Federal do Ceará – Programa de Pós Graduação em História Brasileira. 2007.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes: **Fundamentos e Métodos**. 3 ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. História, Ensino Fundamental. Terceiro e Quarto Ciclos. Brasília: MEC/SEF. 1998.

BRASIL. **Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. **Lei 13.00/2014, de 26 de junho de 2014**. Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

FONSECA, Selva Guimarães: **Didática e prática de ensino de história**. Campinas, SP, Papirus, 2003

FRESQUET, Adriana: **Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola** – Belo Horizonte: Autentica Editora, 2013.

MORETTIN, Eduardo. et al **História e Documentário** - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

NAPOLITANO, Marcos: **Como usar a televisão na sala de aula**. 8 ed – São Paulo, Contexto, 2018.

\_\_\_\_\_ Marcos: **Como usar o cinema na sala de aula**. 5 ed – São Paulo: Contexto, 2015.

NUNES, Célia Maria Fernandes. Et al: **Telas da Docência: professores, professoras e cinema** – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

OLIVEIRA, Regina Soares de: **História, reflexão e a prática no ensino** – São Paulo: Blucher, 2012.

ROMAGNANI, Patrícia. **Cinema em cena**. *Revista A&E: atividades e experiências*, Curitiba, n. 4, p.45, 01 set. 2008. Mensal.

SOUZA, Edileuza Penha de (org): **Negritude, cinema e educação: cainhos para a implementação da Lei 10.639/2003** 2. Ed – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.